



# O Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário • 20 de Outubro de 1990 • Ano XLVII — Nº 1216 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## PARTILHANDO

• Vem hoje comigo. Quero mostrar-te o encanto desta carta:

«Ao ler o artigo 'Partilhando', não consegui passar sem deixar de escrever umas palavras:

Sou uma jovem que gostava de mudar o meu estilo de vida, entregando-me a um ideal, que não me deixasse arrastar pela onda de consumismo que caracteriza a nossa sociedade.

Fiquei inquieta porque no fundo de mim mesma há um lugar especial para as crianças e as crianças que sofrem.

Tento descobrir no dia-a-dia a minha vocação e a minha primeira tarefa foi abrir o coração a Cristo e deixar-me conquistar por Ele para assim O partilhar com os Outros.

A minha grande aventura é querer consagrar-me a Deus.

Gosto muito de crianças e de estar com elas. O Senhor chamou e continua a chamar com essa palavra 'vem'. Senti o apelo de Deus ao ler 'incarnação de mãe'.

Que a Rosa me perdoe. Ela reflecte tanta sinceridade e beleza que não resisti.

O resto é com o Senhor... Se Ele chama verdadeiramente, temos obrigação de ouvir a Sua voz e de O seguir. Sem hesitações. Com fé e esperança...

«A que teremos medo se Ele é nosso rochedo protector?»

«O jovem do Evangelho retirou-se, triste, porque tinha muitos bens.»

Muitos se retiram por medo. Tantos, por falta de fé.

Que idade bonita — 24 anos! — para ofertar ao Senhor. Ele ama a nossa juventude! É esta a melhor e mais bela prenda.

É de rostos jovens que as nossas crianças, tão sedentas de carinho, estão à espera.

• — Onde moras Tu? — perguntaram, certa vez, dois homens, ao Senhor.

Continua na página 3



Júlio e «Balãozinho» exprimem a sua alegria num fraternal abraço

## Aos nossos Assinantes

...especialmente aos de longa data e de terras que entretanto evoluíram e foram alvo de promoção, nós pedimos, encarecidamente, que actualizem o seu endereço, completando-o com dados outrora inexistentes tais como nomes de ruas, números de porta, andar, esquerdo ou direito, quando não mesmo outras distinções por piso — que hoje não há terra que não tenha a sua *torre*; e os carteiros, ou vai tudo direitinho, ou, sem mais esforço de procura, devolvem o jornal com a nota de «endereço insuficiente». É que estes funcionários dos CTT mudam, agora, com mais frequência e aquela pessoa que se tem e será muito conhecida na terra, não o é para o carteiro substituto ou o que vem de novo tomar conta do giro.

Nós, aqui, damos fé destas substituições pelo monte de jornais devolvidos que todos os dias chegam. Hoje foi a vez de Ereira — Cartaxo. Com certeza poucos terão sido os Assinantes desta terra a receber O GAIATO com data de 6 de Outubro, tantas foram as devoluções com a referida nota. A nossa esperança é que o antigo distribuidor volte ao serviço já na quinzena desta edição e o presente recado chegue às mãos dos Assinantes que ficaram sem jornal a quizenza passada. Porém, se não nos responderem, acontecerá o mesmo em próxima ausência do carteiro habitual.

Mas quase todos os dias — repito — sucede precalço semelhante relativamente a outros sítios, principalmente as muitas urbanizações que proliferam em volta dos grandes centros e que começam com endereços provisórios, a breve prazo substituídos por definitivos com todos aqueles elementos que atrás enumerei. É Ermesinde, é Valongo. São os Carvalhos; é Almada e Seixal e Barreiro... Até Ereira, nas barbas do Cartaxo, onde contamos velhos e bons amigos!

Agora que esperamos em breve novas técnicas de expedição do *Famoso*, ajudem-nos, por favor, com os dados certos, para evitar que os jornais falem aos Assinantes e cesse aqui a enxurrada de devoluções.

Padre Carlos

# BOA NOTÍCIA

O Senhor Bispo de Portalegre e Castelo Branco anuncia à Obra da Rua o envio de um dos seus padres «em missão» aos Pobres.

A Igreja é Mãe. No momento oportuno, como só as mães sabem fazer, vai ao Seu tesouro mais precioso, tira e dá. Sabe que não perde. Por isso fá-lo com alegria. A mãe sabe que, quando dá, não perde. É um erro pensar ao invés. A paralisia de muitas vidas nasce daqui: do medo de dar-se porque se teme perder. E ninguém quer perder. Deste modo pensa o mundo. A desgraça do mundo, sim, está no «pôr e sobrepor». Quando aparece alguém que arrisca a vida por amor, sem medo, o mundo torna-se mais humano. O mercantilismo é um perigo. Quando entra na vida, desumaniza-a. Já constitui um escândalo a doação da vida gratuitamente. Já se afirma que o voluntariado tem os dias contados. É o mercantilismo venenoso a infiltrar-se.

O mundo necessita do escândalo daquele ou daquela que é feliz só por se dar aos Pobres. Este é um dos caminhos necessários a percorrer para levar ao mundo a esperança e a alegria.

A Igreja é Mãe. Assim aconteceu, agora, com a Igreja que está em Portalegre e Castelo Branco. Foi ao Seu tesouro mais valioso e deu dele aos Pobres. E tanto mais valor tem a dádiva quando ela vem de uma Igreja pobre. O Padre João junta-se, assim, ao grupo dos Padres da Rua, escolhendo como regra «o Evangelho meditado e praticado na vida interior e também na de relação com o seu semelhante mormente com os Pobres mais caídos e mais abandonados. O Rapaz da rua, o Doente incurável, a Família em desagregação — são a sua parte». Não é fácil entender estas vidas. Só quem experimenta, sabe. Padre João, ao longo dos poucos anos que leva de

padre ao serviço do povo em Castelo Branco, foi partilhando o seu sacerdócio com todos, olhando com carinho particular pelos Pobres. Não admira, pois, que se tenha deixado seduzir pela Obra da Rua como espaço humano para a vivência da sua vocação. O seu Bispo, num gesto de muito amor e muito respeito para com o seu padre, deu-o aos Pobres com alegria purificada pelo sacrifício.

Os Padres da Rua são «sacerdotes diocesanos ou religiosos que, sem deixarem de estar incardinados nas suas Dioceses ou nas suas congregações e continuando unidos pelos laços de obediência e caridade aos seus Bispos ou Superiores, receberam a específica missão da evangelização dos Pobres. Por eles a Igreja quer estar presente no mundo dos nossos irmãos «mais caídos e mais abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável».

Continua na página 4



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

«CASA DO XAI-XAI» — A sua reconstrução vai de vento em popa, pois o mestre d'obras mentalizou-se para necessidade que os Pobres sentem.

Foi modificar e levantar paredes; cimentar o chão; pôr armação e telhar. Agora, serviço de trolha e carpinteiro (caixilharia e portas); saneamento, picheleiro, electricista.

Já entregámos quinhentos contos ao empreiteiro, generosidade canalizada pelos nossos leitores.

No Céu, decerto, Pai Américo está feliz por se manter, assim, uma obra realizada por suas mãos — há cerca de quarenta anos — em benefício dos Pobres. Até porque, infelizmente, se constrói pouquíssimo para quem sofre de pobreza absoluta.

Noutro âmbito, escasseia a *habitação social*, com rendas limitadas, para lares que subsistem com o magro salário mínimo ou relativamente precário.

Mais: Na generalidade, a Autoconstrução ainda não é bem encarada para minimizar o problema habitacional das regiões suburbanas, do interior!

É preciso que as edilidades se disponham a lotear terrenos, infraestruturados, para trabalhadores que necessitam de casa e poderão construí-la — com milhentos sacrifícios.

É preciso aplicar toda a legislação dispersa, em prol da Autoconstrução.

É preciso, agora, rever uma recente disposição oficial: um licenciamento caduco (por esquecimento ou negligência), obriga o Autoconstrutor a apresentar, na Câmara, outro processo (novo projecto), na íntegra, para revalidarem a licença!!! Isto quando se propagandeia a *desburocratização* a nível oficial. Valha-nos Deus! São disposições que afectam os mais Pobres, limitados em todo o sentido, despachadas por quem desconhece ou não sentiu, no corpo, a miséria dos que moram em *ilhas* e barracos.

O País carece de centenas de milhares de habitações condignas!

Chegaram mais donativos para a «Casa do Xai-Xai». Doze contos da assinante 46445, do Porto: «Como não posso ficar indiferente à 'Casa do Xai-Xai', junto um cheque pequenino, de um dinheiro que recebi sem contar. Por isso, é com todo gosto que o remeto para comprarem umas telhas. Peço orações pelas almas dos meus familiares». Mais cinquenta, da assinante 17769, por alma do seu querido marido — nosso bom amigo. Assinante 26209, de Portalegre, traz uma citação — «Alimentar a tua fé não é bastante: é necessário concretizá-la em obras» — e um voto: «Tendo ajudado alguém a comprar a sua casa, essa pessoa está agora com possibilidade de m'a pagar. Penso que esse dinheiro, uma vez dado e esquecido, poderá ajudar a «Casa do Xai-Xai». Mais cinco contos da assinante 35193, de Vila Nova de Gaia, «para auxiliar as obras. Eu sei que é pouco, mas é dado de boa vontade. E queira Deus que recebam muitas ofertas — para reconstruírem a moradia». Assim seja.

PARTILHA — Uma Avó, de Setúbal, pede «orações para cinco netinhos» e manda um cheque «para uma viúva

com filhos a criar, auxiliada pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

O costume, do assinante 17258, de Baguim do Monte, Rio Tinto. Outro cheque, da assinante 9708, de Coimbra, destinado a minimizar «a conta da farmácia» dos nossos Pobres e, também, «para alguns idosos que necessitem de auxílio», tudo «por alma de meus pais» — sublinha a amiga Edla.

Mais 5.000\$00, de Santa Cruz do Douro. Vinte mil, da assinante 17148, de Cardigos, «para a Conferência distribuir como entender. Ao ler n'«O GAIATO tantos casos de necessidade, sinto-me envergonhada de não contribuir mais, para ajudar na sua solução e apetecia-me enviar para todos eles. Não sou rica, é certo, mas por vezes é mais um descuido que uma impossibilidade. Eu e minhas duas irmãs ficamos muito gratas por nos ajudarem a cumprir este dever de acudir a quem pode menos que nós».

Assinante 34220 manda dez contos «como pequena ajuda para os Pobres» e acentua: «Não mencionem o meu nome n'«O GAIATO». Cumprimos.

Assinante 11902, de Fundão, com «a mensalidade de Setembro», lembrando sua mãe, no Reino dos Justos. Outra mensalidade: 500\$00 de Vila Franca das Naves) «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus auxiliar os Pobres e Deus nos ajude a todos». Ele é Pai! Mais quatro mil, do assinante 9790, de Oliveira do Douro; que perora «uma oração por todos nós, pecadores, para que o Senhor nos perdoe e não permita que haja mais guerras, mas sim que impere a justiça, o amor, o perdão, a caridade e a humildade em todos os corações e, deste modo, a Paz do Céu se estabeleça definitivamente entre os homens». É assim a Boa Nova!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Casamento do Chola, em Miranda do Corvo, com a Maria Odete.

## MIRANDA DO CORVO

AULAS — Começou mais um ano lectivo. Agora, estamos todos em aulas, os da escola primária, os do nosso Lar de Coimbra, os estudantes nocturnos, e, por fim, os adultos.

Este ano, uma vez que alguns dos nossos rapazes têm mais de 15 anos e ainda não fizeram a 4ª classe, foi criado um curso de adultos, em nossa Casa. Também alguns estudam nos Moinhos, para obterem o 2º ano do Ciclo, uma vez que aqui em Miranda do Corvo não há Ciclo nocturno.

Esperamos que consigam chegar ao fim com bom proveito.

AGRICULTURA — Apanhámos o nosso milho, que está a secar para depois o guardarmos nas arcas. E semeámos a erva lameira.

VINDIMA — Os nossos estudantes, de Coimbra, antes de começarem as aulas, fizeram a vindima.

Agora comemos uvas às refeições; na maior parte, são para vinho, para consumo da Casa.

OBRAS — Continuamos com as obras. Levantamos, agora, umas divisões ao lado da adega, para a instalação de câmaras frigoríficas.

IOGURTES — Uma firma da Palmeira, perto de Coimbra, ofereceu mais uma carga de iogurtes.

Consolamo-nos a comer deles ao pequeno-almoço. Agradecemos as coisas boas que nos dão.

Serafim

## PAÇO DE SOUSA

VINDIMAS — Decorrem em bom ritmo, boas uvas, muita alegria por parte dos vindimadores. Agora paramos um bocadinho para dar uma arrumação à nossa Casa no que diz respeito a trabalho e escola.

OUTONO — Chegou muito sorridente e, com ele, as castanhas.

É uma estação que dá trabalho aos rapazes da lenha, há sempre muito para varrer; as folhas nunca deixam de andar de um lado para o outro, estão em toda a parte.

VISITANTES — São sempre bem vindos a nossa Casa. Não os esqueçamos. Por isso também nunca nos esqueçamos. Venham sempre, as portas estão abertas.

Obrigado pelo vosso carinho.

AGRICULTURA — O milho está a cair. Quero com isso dizer que começou a silagem, para depois os animais saborearem a forragem e darem aquilo que o homem espera: o leite, a carne, a pele...

ESCOLA — Começou o novo ano lectivo.

O ano passado houve bons resultados; contudo esperamos que este ano sejam melhores que no anterior. Um bom começo para os filhos dos assinantes do «Famoso»!

DESPORTO — Em 15 de Setembro a equipa A defrontou o Clube Académico de Rio Tinto. Jogo monótono. No



A vindima, grande festa em nossas Casas!

princípio as duas equipas demonstravam um bom futebol, mas depois tornou-se quase numa batalha, perdeu-se o espectáculo, não tinha graça nenhuma.

No final vencemos o adversário por 2-0.

No dia 30 a equipa A defrontou uma, vizinha, de Bairros. Jogo muito bem disputado, a bola nunca parava, sempre solta. Foram os primeiros a marcar. Depois nós com uma jogada bem estudada acabámos por igualar. Na primeira parte, o resultado ficou em 1-1; na segunda, as duas equipas, mais frescas, deram prova disso. Fomos os primeiros a marcar, concretizaram dois de rajada. Mesmo a perder por um golo, sempre acreditámos na vitória. A nossa equipa fez então pressão ao adversário e acabou por dar volta ao resultado. No final do jogo acabámos a vencer por 4-3. No dia 7 de Outubro defrontámos uma equipa do Porto. Um jogo sem história. Resultado final: 2-2.

TORNEIO DAS VINDIMAS — Parece que não é este ano, que temos sorte. No atletismo os resultados não foram lá muito bons. Conseguimos uma vitória nos 1000 m. No ténis de mesa um terceiro lugar. No futebol, os nossos miúdos deram espectáculo, ensinaram a jogar. Ganharam o primeiro jogo por um expressivo 8-1. No dia 6 jogaram a final e perdemos por 1-0. Talvez para o ano tenhamos mais sorte!

CARAS NOVAS — Têm vindo ultimamente muitos rapazes novos. Três, do Algarve; um, de Setúbal; e outro, da Póvoa de Varzim. Esperemos que eles tenham uma vida feliz.

CASOS — Surgiu uma nova moda cá em Casa: os miúdos andam pela Aldeia com aviões de papel. Uns recuperam os que caem, mas outros nem por isso. Os senhores padres estão a ficar chateados com os aviões. São muitos papéis no chão. Eles nem vêem os «aeroplanos» que são os caixotes do lixo. Mais uma brincadeira deles!

Lupricínio

## SETÚBAL

TIPOGRAFIA — No dia 27 de Setembro comprámos uma «Schneider Senator», de cortar papel. E no dia seguinte os técnicos começaram a

montá-la. Já funciona. Esperamos bons resultados e melhor aproveitamento.

ELEIÇÕES — A nossa Comunidade elegeu o chefe-maioral e os seus auxiliares. O primeiro chefe é o José Arlindo, de 18 anos, que trabalha na serralharia.

FUGAS — As férias fazem mal aos rapazes! Fugiram dois: Luís Filipe e Carlos Amador. Aquele, trabalhava na carpintaria. Este, foi para a cozinha do Lar. Estava, há dois dias, e resolveu dar «à sola».

CARAS NOVAS — Acolhemos mais três rapazes. Dois irmãos: Nuno, de 10 anos, anda na 2ª classe; e João Paulo, de 6 anos, que frequenta a 1ª classe. Ambos são do Pinhal Novo. O outro é o José Correia, de 8 anos. Veio do Bairro da Caneira — Montijo.

Esperamos que tenham encontrado uma vida melhor para o seu futuro.

DESPORTO — A nossa equipa tem rapazes muito jovens. Entrámos com o pé direito: Empatámos, em 23 de Setembro, o primeiro jogo por três igual contra o Tojal. Foi mais uma preparação física e de convívio para o torneio Inter-Casas. Em 30 de Setembro realizámos o segundo encontro com uma equipa pouco organizada, a «Capri», de Setúbal. Na primeira parte havia já uma bola a zero. A malta acreditou na vitória. Com novas técnicas do Paulo Martinho, voltámos a brilhar com um substancial 4-1 a nosso favor.

Um bom jogo de futebol e um convívio fantástico. Se alguém tiver material desportivo de sobra, aqui nunca é demais...

Obrigado!

SERRALHARIA — Precisamos de trabalho para o torno e para a frezadora. Temos dificuldades em arranjar trabalho para as duas máquinas. Agradecemos que nos encomendem serviços dessa especialidade.

Jorge Anjo

## IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'«O GAIATO» ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA S. FRANCISCO DE ASSIS** — Amigos leitores, faz em 30/9/90 seis anos que a nossa Conferência foi reactivada, e não queremos deixar passar em branco este dia muito especial para nós. As incertezas, a insegurança se seríamos capazes de remar este barco... Mas, com a Graça de Deus e a vossa ajuda, a Conferência tem-se aguentado e temos esperança que hão-de vir dias melhores.

No 2º volume do *Pão dos Pobres*, Pai Américo escreve o seguinte:

«Nesta hora amargurada de receios, de dúvidas, de inquietações, de incertezas, faz bem à alma da gente ouvir e ver realizado no mundo o atrevido e energético *scio cui credidi et certus sum* do Apóstolo S. Paulo.

O nosso labutar de cada hora, em prol das classes humildes e sofredoras, não é tanto para aliviar como para cristianizar. Nós queremos ser o semeador que passa a lançar intencionalmente, silenciosamente, o grão de semente nas almas, como o lavrador nas leiras; e o nosso Bom Deus dará o crescimento em tempo oportuno.

O germinar, o crescer, o florir, o frutificar da planta — nada é da conta de quem semeia na terra nem nas almas. Desejaríamos que as nossas palavras fossem carvões acesos, dessem às almas o alerta da Vida e a compreensão de que a Eternidade não é de maneira nenhuma aniquilamento ou fim, mas é antes a posse de si mesmo no gozo absoluto do bem que cada um faz, sem mescla de sofrimento.»

É este pensamento vivo e vivido que nos força a dar as mãos e tentar dar aos nossos irmãos mais carecidos todo o apoio e carinho. Mas tudo isto só é possível com a vossa ajuda. Contamos convosco!

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Alguns amigos queixam-se que não vêm mencionados os donativos n' O GAIATO. Esclarecemos: nem sempre é possível fazer chegar, a horas, à tipografia, a nossa correspondência.

Da assinante de Massamá, 1.000\$00; de um reformado, 2.000\$00; assinante 47167, 7.000\$00; assinante 3559, 1.000\$00; J.P.O., 10.000\$00; assinante sem número, 5.000\$00; assinante 4795, 1.000\$00; entregue no Lar, 2.000\$00; E.M.O., de Ermesinde, 30.000\$00; José d'Eça, 10.000\$00; Manuel Pires, 6.000\$00 e roupa; assinante 33639, 2.000\$00; assinante 9811, 1.000\$00; uma amiguinha de 80 anos manda 20.000\$00 para o pai e filho tuberculosos. Obrigada pela sua cartinha. M.B., 5.000\$00; Joana, de Setúbal, 5.000\$00; assinante 9157, 20.000\$00; M.A., de Barqueiros, 5.000\$00; Ventura, 5.000\$00; mais 1.500\$00 com algumas letras que rezam assim: «Junto um cheque de 1.500\$00 para a Conferência com destino ao pai e filho tuberculosos. Se eu fosse Primeiro-Ministro, ordenava que O GAIATO viesse transcrito no *Diário da República*, com a obrigação expressa de que todos os ministros o lessem».

Concordamos. Anónimo, de Lisboa, 10.000\$00; anónimo, 2.000\$00; mais um amigo, de 80 anos, assinante do «Famoso» com o nº 1295, manda 1.500\$00 e pede desculpa de ser pouquinho; J.R.D., 10.600\$00 e pede uma oração por alma de seu marido. Anónimo, 10.000\$00; outro anónimo, 3.000\$00; anónimo, 5.000\$00; J.R.D., 600\$00; assinante 14165, 3.000\$00; Maria Glória, 100.000\$00; anónimo, 5.000\$00; anónimo, 10.000\$00; Vale postal, 3.000\$00; assinante 33275,

**OFERTAS** — Eu não sei se toda a oferta é partilha. Dizem lá os críticos da mente que a oferta pode esconder intenções de «eu ofertador sou mais que tu ofertado». É possível. Todo o homem é um mistério de maravilha e de miséria. Entretanto, há ofertas que não deixam dúvidas, tal a pureza de alma que delas transparece. Registamos algumas que nos mereceram destaque. Ei-las:

1º — De uma Maria Luísa, vêm vinte mil escudos dirigidos aos «Amigos» desta Associação. A carta que os acompanha reza assim: «Dado que o Governo deu aos seus aposentados o 14º mês e como aposentada também o recebi, venho depositar uma parte (20.000\$00) nas vossas mãos que, afinal, são o Banco que mais altos juros paga». Que beleza! Uma linguagem quase «comercial» para dizer coisas que só uma apurada «inteligência do coração» é capaz de entender.

2º — Na Festa/Convívio de Paço de Sousa, para lá do trabalho e dedicação incansável de uns quantos cujos nomes omitimos para não ferir a sua humildade, registamos também três ofertas que usamos destacar. Muito nos sensibilizaram pelo que significam de solidariedade com a Associação e comissão organizadora do convívio. Efectivamente, a preparação/realização destes encontros exige que os orçamentos não assustem. É consolador e muito motivador para quem se mete

## Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Finalmente, temos um novo projecto que vai ser submetido à Câmara Municipal de Penafiel para análise e aprovação.

Temos a promessa — expressa pelo presidente da edilidade — de ajuda nalguns sectores da construção a efectuar em Paço de Sousa, inclusivé o fornecimento de água ao futuro bairro.

Esperamos que o projecto obtenha um rápido despacho para que possamos recuperar parte do tempo perdido.

Aos empreiteiros solicitamos urgência na apresentação das propostas.

Continuam a chegar mensagens cheias de amor e fraternidade:

«Queridos amigos gaiatos, sinto remorsos de possuir duas belas casas e haver tanta gente a viver em tugúrios, tantos jovens a não conseguirem moradia para constituir família! Perdi o meu marido há 20 dias. Perdi, não é certo. Ele está mais junto de mim do que nunca e está a dar forças para distribuir o que me deixou. Bem hajam por todo o bem que nos fazem e Deus vos abençoe.»

Se esta querida amiga tem remorsos por possuir duas casas, distribuindo algo que lhe sobra, que sentirão aqueles que têm muito mais e nada distribuem? De certo que nada devem sentir, pois os corações endurecidos não se dispõem a pensar nos Outros.

De Maria do Rosário chega a seguinte mensagem: «Como recebi também o

10.000\$00; Gilberta Lima, 1.000\$00; M.B.F.C., 5.000\$00; assinante 13171, 3.000\$00; anónimo, 1.500\$00; e uma importância da nossa amiga Rosa Ribeiro.

Este ano nenhuma criança ficou sem livros escolares, graças à generosidade da Dr.ª Armanda que tem sido incansável.

Bem haja por tanta bondade. Sem ela menos conseguiríamos fazer!

**OBS:** Esclarecemos os nossos amigos leitores que, neste momento, necessitamos de lençóis, cobertores e utensílios domésticos.

Casal vicentino

# Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

nestes assados constatar que muitos dos nossos sócios estão atentos e pensam em todos os pormenores para que a festa resulte em Festa-de-Todos. Foi o caso do João Mendes («Brasileiro») que ofereceu duas sedutoras taças e doze medalhas que abrilhantaram o programa desportivo; o António Martins que ofereceu um bolo gigante, artisticamente decorado com o símbolo de «O Gaiato»; e o Filipe Martins que ofereceu duas bolas de couro, que estão já a ser o regalo dos apaixonados futebolistas de Paço de Sousa.

**NATAL 1990** — Já estamos a prepará-lo. Vai ser no dia 16 de Dezembro (Domingo!), na sede da Associação — Lar do Gaiato do Porto — Rua D. João IV, 682, com início às 15 horas. Queremos que, na senda do ano passado, venha a ser uma iniciativa válida. Uma Festa de Família capaz de fazer sair da toca mesmo os menos sensíveis aos ideais da Associação. Pensamos um programa aliciente para os mais pequeninos (filhos e netos, até à idade de 10 anos). Haverá mesmo

festa! E brinquedos e lanche e «miminhos» para todos. Bom, mas como estas coisas têm sempre os seus custos, aceitam-se sugestões (e donativos!). Queremos que este Natal 90 seja uma ocasião propícia, um tempo oportuno para um grande testemunho daquele Espírito de Família com que Pai Américo sempre sonhou para as Casas do Gaiato. Precisamos de «tempos fortes» capazes de revigorar esse Espírito, sobretudo em nós cuja vida nos traz mais afastados da Obra da Rua e dos seus ideais. Somos «antigos»; já estamos «fora da Obra». Mas o coração não se compadecer com «foras» e «dentros». Ele precisa estar-com a Obra para se manter vivo na fidelidade aos ideais ali bebidos.

Dos nossos mais atentos leitores esperamos também um estar-connosco que seja generoso e fecundo. O ano passado tivemos o apoio das Edições Asa, do Porto, que nos ofereceram muitos livrinhos de lindas histórias para crianças; a Agrícola de Lacticínios «A Central de Parafita», L.da — Longa Vida — fez-se também presente com muitas embalagens

dos seus apreciados pitéus para lanche; a Nestlé veio com rebuçados e chocolates — a tentação dos mais pequeninos; duas senhoras do Porto foram ao Lar e deixaram embrulhos com guloseimas; do que faltou, Padre Manuel António supriu.

Para este ano, continuamos a acreditar naquela generosidade que o Pai do Céu depositou em vossos corações para fazer render. Lembrem a parábola dos talentos. E como quem dá não pode dar sempre, mas quem precisa, precisa sempre, a Associação dos Antigos Gaiatos do Norte dá a todas as firmas de brinquedos e guloseimas uma oportunidade de dar também... O fardo repartido por todos fica assim mais leve a cada um. E nós que somos crentes sabemos até que «tudo o que fizerdes a um destes mais pequeninos será recompensado no Céu a cem por um». Há que saber «negociar» também o Céu... O prémio da Vida Eterna prepara-se na vida terrena.

Abel Magalhães

décimo quarto mês para férias, juntei a outras migalhinhas e envio 50.000\$00 para uns tijolinhos das vossas futuras casinhas airoas, onde entre sol e muita luz.»

Da Covilhã, 5.000\$00 e estas palavras: «É pouco, mas é de boa vontade. Deus conhece a intenção.»

Um sacerdote muito amigo da Obra da Rua com 200.000\$00; de Gavião, 50.000\$00; Eng.º Mendonça — Braga, 50.000\$00; Rosalina, da Póvoa de Varzim, 1.000\$00; Maria, de Cantanhede, 60.000\$00; mais 55.000\$00 através da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Atenção Júlia Cardoso — Lisboa: o aviso dos CTT quando chegou às nossas mãos, já a sua carta tinha sido devolvida. Pedimos desculpa e aguardamos outra.

Para todos os nossos amigos, sinceros agradecimentos.

Carlos Gonçalves

## TRIBUNA DE COIMBRA

O novo ano escolar começou. Os nossos rapazes já todos têm aulas. Eram mais de cem desempregados durante as férias. Agora, há horas de silêncio em nossa Casa. Grupos novos e aulas novas. Só não aprende quem não quer ou quem de todo não é capaz. Parece-nos que o ensino vai ficando ao alcance de todos.

Um grupo de trinta e um está no Lar, em Coimbra. Um, num Instituto Superior; trinta, no Ciclo Preparatório; e no Ensino Secundário: do 5º ao 12º anos. Estão todos na Cooperativa de Ensino de Coimbra. São ali recebidos como em família. Os professores procuram ser Pais. «Os Gaiatos são todos muito queridos» — ouvimos, muitas vezes, dizer. Temos muito a agradecer àqueles Amigos que nos recebem sempre assim. Cinquenta, estão nas três escolas primárias. São os mais novos. «Alguns são difíceis de aturar» — queixam-se os professores. Recomendamos paciência e dedicação. O bem

que se ensinar dará fruto a seu tempo. Dez, formam um curso de adultos. Veio uma professora experimentada. Custa muito que os nossos rapazes não fiquem, ao menos, com a instrução primária. E à escola normal já lá não chegavam.

Alguns, das oficinas, começaram a sentir a falta da instrução escolar. Dois, continuam o Secundário, da noite; e quatro, o Ciclo, da noite, também. Têm de ser generosos e perder muitas horas de sono e de recreio. Um dia hão-de saborear o bom fruto deste sacrifício.

O mais incapaz frequenta o apoio especial dado pelo Arcil, da Lousã. Tem aproveitado. Já faz trabalhos e exprime-se na linguagem. Tem de caminhar pela profissão manual.

É o que em pequenino não julgámos que viesse a ser. Recordo sempre o dia em que o recebi ao colo e a mágoa que me entrou no coração.

Recomendamos que aproveitem o tempo. Que o proveito é para eles. Um dia hão-de sentir o bem que agora lhes custa. Que aproveitem as horas particulares de estudo. Os mais velhos ajudam os mais novos. Tenho pena de não os poder acompanhar.

Padre Telmo

Padre Horácio

## PARTILHANDO

Continuação da página 1

— Vinde e vede.

Eles foram e ficaram com Ele.

Escuta, agora, a palavra de Pai Américo numa das primeiras vezes que falou às senhoras da Obra da Rua:

«Anda e vê. Deste em cheio. Encontre a via que enche a alma.

Nós estamos a dar de comer a quem tem fome. Não é figura, é real.

Nós vestimos os que não têm roupa.

Nós visitamos os enfermos, vamos a casa deles. Não é só em desejo, vamos em pessoa. Felizes os pés que anunciam a fazer o bem. Benditas passadas.

Pomos a vida toda ao serviço do Senhor. Damos passadas. Sabemos como e a quem. Os nossos pequeninos não sabem donde vêm. Remimos. Aturando e aturando-os. Que importa que a vida custe? Que importa que pelas suas atitudes nos façam às vezes sofrer? Que importa que o nosso serviço não renda? Que importa que alguém diga que nós vamos mal?»

Assim falou, há anos, o Pai Américo às primeiras senhoras da Obra da Rua.

Ainda, hoje, é vestido novo tirado da arca do Evangelho.

Não tenha medo, Rosa...

Não tenha medo, Isabel...

Não tenha medo, Laurinda...

Não se arrependarão — nem nesta vida, nem na morte.

Tenham a coragem de escolher a melhor parte.

Mergulhem.

## Casais da Obra da Rua

O Encontro de Casais da Obra da Rua realizado em Fátima, de 5 a 7 de Outubro, foi uma reconfortante paragem na vida — que nos fortaleceu no amor.

A princípio sentíamos-nos reservados; mas, no decorrer do tempo, surgiu um ambiente descontraído, alegre e amigável.

Desde o acomodar-nos na Casa-Abrigo, da Diocese da Guarda, até à hora da partida, sentimo-nos bem, em família.

Começámos por analisar a comunicação em casal, ajudados pelo Abel Magalhães. Aprendemos, e muito, que a estabilidade, a felicidade do casal está na maneira como cada um comunica entre si, com os filhos e com os outros. Tomámos consciência de que muitos dos problemas familiares deixariam de o ser se fôssemos capazes de encontrar, ainda que pequenos, momentos de diálogo.

No segundo dia, orientados pelo nosso Padre Cristóvão, abordámos os problemas da família de hoje.

A dinâmica proposta foi reunirmo-nos em pequenos grupos de trabalho, dos quais resultaram algumas conclusões muito actuais:

— A transformação que se deu a nível das condições materiais que rodeiam a família: falta de habitação condigna, condições de aquisição e/ou aluguer inacessíveis...

— A mudança do conceito e da essência da família: de alargada a pais, filhos, avós e de mais parentes, passou-se para uma mais restrita (pais e filhos);

— A reduzida convivência entre os vários elementos da família, motivada pelo ritmo da vida actual;

— A instabilidade do emprego;

— A ausência de diálogo (televisão apontada como uma das causas).

Pouco a pouco, reflectimos sobre estes e outros temas.

Reinava uma grande satisfação pela riqueza do que nos foi transmitido.

A culminar, chegámos ao conhecimento de que o amor do casal é um prolongamento do amor que Deus tem por cada um de nós, manifestado em Jesus Cristo. A concretização desse Amor vivemo-la já, em uníssono, no domingo, durante a Eucaristia, após a apresentação do balanço do Encontro. Uma ideia interessante, das muitas que foram lançadas: que outros Encontros se sucedam.

Nanda e Odorinda

Pôr uma questão, declarar intenções é, por regra, um acto pacífico. Mas depois vem o debate, desponta a polémica, levantam-se os intervenientes todos animados pelo triunfo do seu ponto de vista... e, em vez da luz que devia sair da discussão, sai-se da linha dela, do essencial do tema proposto, surgem tricas que não têm a ver com ele — é o despire que conduz a nada.

Torno a dizer: Quando o assunto é a criança e «o imenso vazio no acesso dela aos seus direitos», só pode haver um objectivo: a procura da verdade; e uma atitude fundamental: a humildade, que dispõe cada um a bater o *mea culpa* no seu próprio peito, não no dos outros.

A procura da verdade é a pesquisa das causas que produzem os males de que a criança é vítima. A humildade é a disposição para aceitar encontrá-las na permissividade ambiente — culpa generalizada, culpa de cada um de nós, que facilita a culpa minoritária dos que atentam directamente contra o bem das crianças.

# Direitos da Criança

Neste espírito, uma jornada sobre as condições de vida da criança em Portugal, mesmo uma assembleia política (sobretudo nela!) deveria ser um tempo de reflexão sincera, em que fazem tréguas os que, por princípio, pensam diferente, para descobrir em comum as raízes dos males que (mais do que ninguém) têm em suas mãos curar.

Ao longo do dia, além do apresentador, outros intervenientes afirmaram este propósito de consenso em ordem à acção. Mas a realidade é que o seguimento de todo o debate nos proporciona vários momentos de sessão académica e outros de conversa inútil.

Ao ler o relato do *Diário das Sessões*, ao apreciar o estilo delas, a memória trouxe à tona uma impres-

são que muitos anos passados não extinguiram.

Era o tempo áureo do neo-realismo. O filme chamava-se «A Zaragateira» e contava a história de uma mulher do povo que, naquele tempo de guerra, de racionamento, assumira a missão de fiscalizar a distribuição dos géneros alimentícios no seu bairro, um bairro pobre de Roma. Tão eficaz ela era, que se lembraram de a fazer deputada pelo círculo da Pobreza, para que os frutos da sua acção chegassem a muitos outros lugares onde os Pobres moram e não mora ninguém que os defenda.

No Parlamento foi bem recebida, até lisonjeada. Porém, depressa ela percebeu que a sua pureza era corpo estranho naquele mundo manhoso; e que os seus pares, hábeis na dialé-

tica, facilmente a cilindravam e esterilizavam a sua presença naquela assembleia. Entretanto, no bairro, livres da sua vigilância, os especuladores prosperavam.

A história termina como começara. A Zaragateira, desiludida das alturas parlamentares aonde se deixara levar na mira de horizontes largos para a sua acção em favor dos pobres como ela, regressa ao bairro, reassume a luta. E a última imagem dá-no-la a planificar a estratégia para amanhã contra a especulação.

Seria bom que a televisão nos desse oportunidade de rever esta parábola; e a recomendasse aos parlamentares de hoje, grande parte dos quais, ao tempo, ainda não nascera ou era criança.

Padre Carlos

## ENCONTROS

### EM LISBOA

Hoje, apetece-me subir a um monte e gritar tudo o que vai cá dentro, de revolta, de sem sentido, da incapacidade de compreender, da impossibilidade de agir. As pedras não se comoveriam mas eu deitava fora coisas que me dão cabo das noites e me ensombram os dias.

Tinham-me advertido: «O que mais nos deita abaixo são, por vezes, as famílias dos moços». Falaram-me de desafios, promessas, mentiras para levar os miúdos; depois, era novamente o abandono ou a utilização, sem escrúpulos, das vidas desses mesmos miúdos a quem encheram os olhos, os ouvidos e a cabeça de mil castelos de

areia. Na altura ouvi sem entender. Sobretudo, não me fez sofrer e entrei em raciocínios filosóficos do género: «Se já estão criados é bom que partam»; «já se podem desenvolver»; «já têm obrigação de saber o que querem».

Passado tempo, senti um arrepio quando alguém a quem desabafava sobre este problema, me lança à cara: «Isso são sentimentos de pai despeitado que não quer ver o filho a crescer, mas o quer sempre perto de si». Talvez. Se fosse isso, o problema não era grande. Mas, creio que a questão é outra e é preciso tempo para a entendermos. Não vem nos manuais, só a vida nos ensina.

Isto vem a propósito de dois que a família me levou. Um cresceu em nossa Casa desde os 6 anos até

aos quinze. O outro veio com oito e foi levado com dezasseis. Não sei qual vai ser o futuro deles. Sei que o seu processo normal de desenvolvimento foi interrompido e a experiência mostra que alguns têm um retrocesso irremediável.

Explicuem-nos melhor. Quando pegamos num miúdo, normalmente ele é um barco à deriva: nem normas, nem regras, nem consciência, nem futuro. Conhece bem a lei da sobrevivência, mas pouco da convivência sadia numa sociedade normal. Todo ele é instabilidade, sobretudo afectiva, provocada por sucessivas rupturas. São precisos muitos meses e mesmo anos para que ganhe um pouco de estabilidade, crie relações e comece a vislumbrar saídas de futuro. É um processo muito lento que, às vezes, só se consegue algum êxito, depois de passadas as fases das diferentes revoltas, o que significa, em termos etários, depois dos 16 ou 17 anos. Interromper este processo é, quase sempre, fazer recuos significativos em que as garras da miséria estão prontas para novamente o receber. É isto que dói e isto que faz sofrer.

Podemos perguntar: Foi tempo perdido? Graças a Deus, creio que não porque alguma coisa ficou e, pelo menos, aquele miúdo saberá, pela vida além, que foi amado e que para ele se procurou o melhor.

Padre Manuel Cristóvão

Virgínia

## BOA NOTÍCIA

Continuação da página 1

**Quanta esperança e quanta alegria escondida neste dom! Sim, o Povo de Deus resolveu o problema económico da Obra da Rua. É importante e decisivo. Mas é, apenas, uma parte. O problema humano permanece, isto é o problema das vocações, os agentes da Obra da Rua.**

**Um flash: Cheguei de fora, após três dias de ausência. De manhã cedo, ao subir as escadas que dão para o lugar onde ia celebrar o Sacrifício, vejo o Fábio, com cerca de 5 anos. Tinha chegado no dia anterior, depois de uma longa espera. Porquê? Era pequenino demais e não temos quem possa dar-lhe o mínimo de que necessita: o carinho de mãe.**

**A vida da mulher que se sente chamada para esta missão não é facilmente compreendida. Ela sabe que é necessária. Os outros sabem-no, do mesmo modo. Mas quê? Quem entende esta maravilha? Só quem experimenta. Mais ninguém, nem de fora, nem enquanto está fora.**

**Para os amigos que acompanham a vida da Obra da Rua, a notícia agora dada é, sem dúvida, uma Boa Notícia. É «um gesto missionário e anúncio de gratidão ao Senhor pelos 400 anos do Seminário Diocesano. E será penhor de bênção».**

**Senhor Bispo, assim cremos também.**

Padre Manuel António

## CANTINHO DAS SENHORAS

O retiro das senhoras da Obra da Rua, em Fátima, no mês passado, teve para mim esta nota dominante:

«Nós damos graças ao Senhor pelo Seu grande amor... E tu Irmão, e tu Irmã, porque não cantas: graças ao Senhor?»

A rondar os 80 anos, e 41 ao serviço destes rapazes, feliz, realizada, posso cantar: «E tu Irmão e tu Irmã porque não cantas...?» E tu que fazes para poderes cantar?...

É a ilusão do mundo, é o emprego, é o curso, quantas coisas que atrapalham e, ao fim ao cabo, te impedem de cantar: «Nós damos graças ao Senhor...»

Liberta-te. Prende-te à promessa do Mestre: «Nesta vida terás cem por um e, no fim, a Vida Eterna».

Reparaste no materialismo que quer avançar, imperar? E as consequências? Ajuda o mundo a salvar-se, começando por ti.



# Galato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285  
Fotocomp e imp offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898